



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

16942 - Resumo Expandido - Trabalho - 16ª Reunião Científica Regional da ANPEd - Sudeste (2024)

ISSN: 2595-7945

GT 08 - Formação de Professores

**O QUE (NÃO) APRENDEMOS SOBRE A RELAÇÃO EDUCAÇÃO-TECNOLOGIAS DIGITAIS DURANTE O ENSINO REMOTO EMERGENCIAL**

Eliane Fernandes Azzari - PUC-CAMPINAS - PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS

Agência e/ou Instituição Financiadora: MCTIC/CGI/FAPESP

**O QUE (NÃO) APRENDEMOS SOBRE A RELAÇÃO EDUCAÇÃO-TECNOLOGIAS DIGITAIS DURANTE O ENSINO REMOTO EMERGENCIAL**

Neste trabalho, trago resultados de pesquisa interinstitucional que envolveu pesquisadores de 3 diferentes IES, com a participação de 256 professores da rede estadual no interior de São Paulo, entre os meses de março de 2020 e janeiro de 2023. O estudo teve por objetivo discutir interfaces entre tecnologias digitais e a Educação Básica e adotou como orientação teórica a pedagogia dos novos e (multi)letramentos (Autor ;Autora, 2023; Kalantzis; Cope;Pinheiro, 2020). Na discussão dos resultados, ao considerar a fala dos participantes sobre suas práticas e embates durante o ensino remoto emergencial, recorro às proposições de Tardif (2020), acerca dos saberes docentes.

O projeto, desenhado como pesquisa aplicada antes da crise sanitária, recebeu financiamento de edital MCTIC/CGI/Fapesp. Originalmente, propusemos discutir a implementação dos Cadernos de Tecnologia do “Currículo Inova” (componentes curriculares para os Ensinos Fundamental e Médio, na rede paulista). Porém, a pesquisa sofreu ajustes para atender às necessidades dos professores participantes, tomados pelo ensino remoto.

A interação entre pesquisadores e docentes ocorreu em videoconferências semanais ao longo de 5 Módulos de Aplicação semestrais. Foram abordados: recursos físicos (equipamentos, acesso à Internet) disponíveis e empregados pelos professores; a utilização de diferentes plataformas e aplicativos para as tarefas escolares e o contato com

estudantes/famílias; os desafios enfrentados e os caminhos encontrados. O Módulo V foi dedicado à socialização de “boas práticas” realizadas pelos professores – um intercâmbio rico, que ocorreu em 2022, já durante o período de retorno às atividades presenciais.

Adotamos a Pesquisa-ação participativa (Kindon; Pain; Kesby, 2007), com ênfase nas relações, trocas e interações pautadas pelo diálogo e o dialogismo (Bakhtin, 2016) para realizar a pesquisa de caráter qualitativo e interpretativo (Denzin; Lincoln, 2006). Além das contribuições articuladas nas reuniões síncronas, os dados advêm de experiências descritas pelos professores em pequenas narrativas. Trago aqui dois excertos desses registros.

Frequentemente citado em documentos tais quais a BNCC (Brasil, 2018, p. 72; 74; 244; 477; 489; 500 e 508), o termo “multiletramentos” tem sido associado ao uso de tecnologias digitais. Embora as “novas mídias” sejam discutidas no manifesto da Pedagogia dos Multiletramentos, publicado em 1996, o manifesto articula, no prefixo “multi”, tanto as múltiplas formas e meios de construir sentidos (dentre elas, as que se valem da tecnologia digital), quanto as diversidades (cultural, linguística e social). Trata-se de pensar a educação a partir do lugar ocupado pela linguagem nos diferentes modos de expressar, representar, construir e/ou instaurar o que é ser e estar no mundo. Vê-se o (re)design como um processo criativo em que há o remixe e a elaboração de novos sentidos, mas que também ressalta a importância da hibridação e das apropriações de diferentes culturas pelos estudantes. Originalmente, nossa pesquisa previa a discussão desses entre outros aspectos relacionados aos fazeres docentes. Porém, diante da pandemia, no Módulo de Aplicação I (a pedido dos participantes), focamos o uso de tecnologias para a mediação do ensino. Esse trabalho ecoou na fala de alguns professores que retornaram para as reuniões no Módulo II (uso aqui pseudônimos para manter o anonimato das participantes): *“Em geral, estou preparando atividades pelo Google Forms e envio uma explicação por PDF com indicação de vídeos explicativos. No entanto, após uma pesquisa que realizei com os alunos, no final do segundo bimestre, percebi uma necessidade em gravar vídeos para eles. Com a ajuda do aplicativo OBS Studio, apresentado no Módulo I deste projeto, comecei a gravar vídeos aos alunos e percebi que estou tendo um retorno maior, pois os alunos entendem melhor o conteúdo e conseguem realizar os exercícios com menos dúvidas do que se tivessem visto vídeos de terceiros. Tem sido uma ótima experiência, pois evidencia uma necessidade de interação mais próxima entre professor e aluno para que a aprendizagem aconteça.”* (Professora Ana). No relato de Ana, evidencia-se o esforço para ampliar seu repertório e adotar diferentes meios para interagir com seus alunos. Também, há a constatação de maior engajamento/retorno quando ela mesma criava vídeos instrucionais (ação trabalhosa, que demandou tempo e esforço redobrados). Ainda que tenha se apropriado de uma nova mídia (o aplicativo OBS Studio), esse ato não pode ser caracterizado como um “novo design”, nem um “novo ethos”, como proposto na Pedagogia dos Multiletramentos (Kalantzis; Cope; Pinheiro, 2020), mas apenas o uso de uma “nova” técnica para o exercício de uma prática antiga (aula expositiva), um caminho encontrado para encurtar as distâncias durante aquele período. Trata-se, portanto, da apropriação de um instrumento, mas não de um novo fazer na prática educativa. Esse aspecto fica também evidente na fala da professora Maria: *“Nunca aprendi a*

*usar tantas ferramentas ao mesmo tempo e tão rápido! Tenho observado cada dia mais a importância do uso das tecnologias para a interação dialógica com os meus alunos (...)*” Aqui, as tecnologias são colocadas como sinônimo de “ferramentas”. Isso se repete em diferentes falas dos professores que, naturalmente, precisavam de soluções imediatas para não perder o contato com seus estudantes. No entanto, dessas falas, podemos abstrair pistas e inferir desdobramentos acerca do lugar ocupado por tecnologias na educação também na pós-pandemia. Assim como Tardif (2020, p.10;11), entendo que é preciso abordar os “saberes que alicerçam o trabalho e a formação de professores”, relacionando-os aos contextos e às condições de trabalho, porque diz respeito à experiência de vida e à identidade dos docentes e às suas relações com os alunos. Nesse sentido, considero que os resultados apontam o reforço da visão tecnicista das tecnologias como ferramentas para tarefas como opção às interações presenciais, bastante distante ainda da ideia de um novo *ethos*, i.e.; pensar em novas práticas com meios igualmente renovados. No Módulo V, já no retorno ao presencial, diversos participantes relataram não estar usando mais tecnologias ou apenas usar apps e plataformas para postar listas de atividades, dar instruções ou projetar vídeos – reforçando o caráter instrumental. Por isso, necessitamos de mais estudos que investiguem o assunto hoje, para entender como esses discursos (Bakhtin, 2016), que marcaram a relação com as tecnologias no ensino remoto emergencial, ressoam nos contextos educacionais atuais, e verificar se o termo “multiletramentos” ainda é apenas um adereço, sinônimo equivocado de tecnologia digital e de uma “inovação” que (não) se faz na educação.

**Palavras-chave:** Tecnologias digitais; Pedagogia dos Multiletramentos; Ensino remoto emergencial; Pesquisa-ação; Formação docente.

## REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. *Os gêneros do discurso*. Organização, tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2016.

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília, 2018.

DENZIN, N. K, LINCOLN, Y. S. *O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens*. 2 ed. Porto Alegre: Artmed, 2006.

KALANTZIS, M.; COPE, B.; PINHEIRO, P. *Letramentos*. Campinas: ed. da Unicamp, 2020.

KINDON, S. L.; PAIN, R.; KESBY, M. *Participatory action research approaches and methods: Connecting people, participation, and place*. Londres: Routledge, 2007.

AUTOR; AUTORA, 2023.

TARDIF, M. *Saberes docentes e formação profissional*. 7ª reimpr., Rio de Janeiro: Vozes, 2020.